

GRUPO MUSEUS/PATRIMÔNIO

28/09/2015

SÉRIE DE SEMINÁRIOS REGULARES

Seminário apresentado sobre as questões levantadas pelo texto do livro:

“O que vemos, o que nos olha” de Georges Didi- Huberman

Apresentação: Thiago Ribeiro e Paulo Barbosa

Georges Didi-Huberman (1953)

Filósofo e historiador de arte, lecciona "antropologia do visual" na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris.

Nas duas últimas décadas, tem procedido a uma aprofundada crítica dos fundamentos vasarianos, panofskianos e neo-kantianos com que a história de arte se habituara a operar. Em obras como *Devant l'image* (1990), *L'Image survivante* (2002) ou *Imagens apesar de tudo* (trad. pt. 2012), e apoiado em referências teóricas como Warburg, Benjamin, Freud e Deleuze, tem assumido o *parti pris* por uma atitude interpretativa que considere a complexidade problemática e contraditória da imagem, bem como as dimensões empáticas, éticas e políticas da mesma.

A vasta constelação de referências teóricas, artísticas e literárias (incluindo Baudelaire, Proust, Joyce, Bataille, Beckett), e a montagem de saberes que Didi-Huberman opera (história, psicanálise, filosofia, fenomenologia, entre outros), concorrem para a concepção de um tempo histórico caracterizado por anacronismos, por temporalidades impuras, dialécticas, prenhes de sobrevivências e de fantasmas. Este tempo constitui o correlativo do "sintoma", ou seja do símbolo aberto e "sobre-determinado" que Freud teorizou e que Didi-Huberman propõe como paradigma para a investigação nas artes.

Autor prolífico, tem mais de 30 livros publicados sobre diferentes artistas e autores, como Fra Angelico, Botticelli, Marey, Brecht, Giacometti, Pasolini, Turrell, Harun Farocki, os minimalistas americanos (Judd, Morris, etc), mas também sobre objectos e temas antropológicos, a fotografia e o cinema, a teoria e as questões de método.

Em *Imagens apesar de tudo* debruça-se sobre o "inimaginável" da Shoah, que tende a obliterar tanto as quatro imagens fotográficas que sobreviveram à "Solução final" como a imaginação daqueles que passaram pelos campos, ou mesmo as montagens cinematográficas de Renoir, Lanzmann e Godard, entre outros. Didi-Huberman contrapõe com veemência o valor das imagens - tão lacunares quanto necessárias - na história e para a constituição do conhecimento histórico, distinguindo a semelhança da falsa aparência e da assimilação identitária, visando romper a barreira fetichista e afirmar como a imagem pode, apesar de tudo, tocar o real.

(JFF, MPS, VS, rIHA)

Fonte: <http://cargocollective.com/ymago/Didi-Huberman-Tutti>

Síntese

1. A inelutável cisão do ver

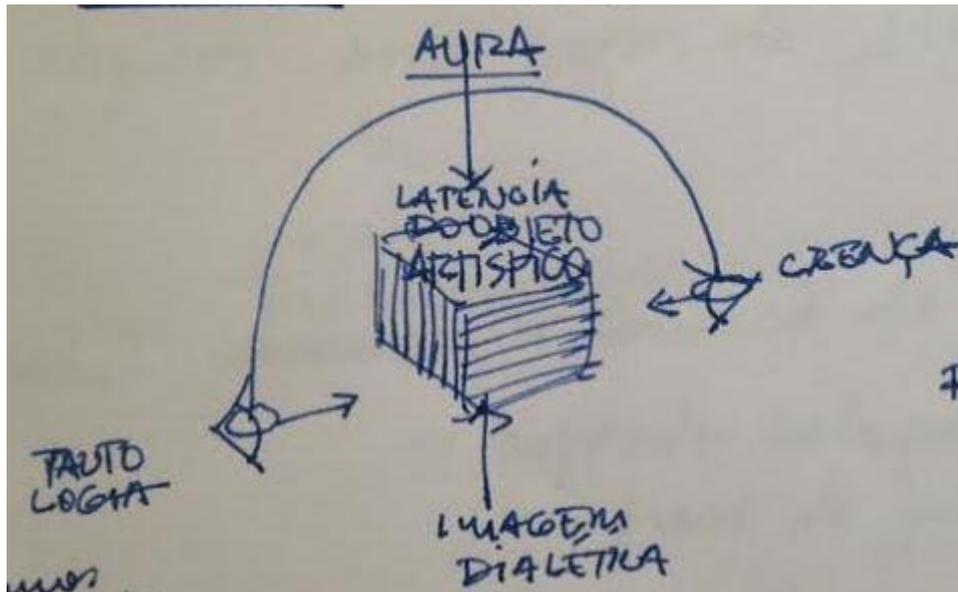
GDH se apropria de **Marleau-Ponty** para ler trecho de *Ulisses* de **J. Joyce** em que identifica:

Ver como tocar/ sintoma/ perda

P34

“A modalidade do visível quando sua instância se faz inelutável: um trabalho do sintoma no qual o que vemos é suportado por uma obra de perda.”

GDH insere a reivindicação dos artistas minimalistas americanos dos anos 1950 nesta genealogia das “tentativas práticas e teóricas para dar forma ao paradoxo”



2. O evitamento do vazio: crença ou tautologia

Tautologia : recusa da aura

Exercício da crença

GDH se utiliza das formas dos túmulos católicos a exemplificar as modalidades do visível qualificando a operação de substituição envolvida na *crença* ou *o vazio*.

3. O mais simples objeto a ver

GDH observa a arte minimalista cuja proposta era produzir volumes que não indicassem outra coisa senão eles mesmos como proposta de eliminar *a ilusão*.

- um objeto que não inventasse nenhum tempo ou espaço além dele mesmo
- que fosse um todo sem partes

Criando o que o autor chama de *estética da tautologia*

Propósitos dos minimalistas elencados por GDH

- criar um objeto que não inventa um outro tempo ou espaço além dele mesmo
- estabelecer uma tautologia do objeto
- eliminar a temporalidade do objeto

Seriam objetos sem jogo de significação

4. O dilema do visível, ou o jogo das evidências

GDH problematiza a condição do objeto minimalista reconhecendo nestes:

- um propósito relacional – (na frase de **D. Judd**)
- há experiências e tempos na fruição do objeto
- há latência no objeto minimalista

P69

A contradição é possível ser percebida pelo crítico de arte e não pelo artista.

Anuncia o confronto dos textos de **Judd** e **Michael Fried**

GDH vê o confronto entre eles como um *falso dilema* uma *querela de palavras*

Colocado por Fried pela oposição entre ótica e presença que para GDH são *sintomas*

P77

“Não há o que escolher entre o que vemos e o que nos olha. Há apenas que se inquietar com o entre”.

5. A dialética do visual , ou o jogo do esvaziamento

GDH descreve o objeto ritmicamente agido (carretel)

Freud “Au delà du principe du plaisir”

Lacan – a eficácia do objeto

Ritmo anadiômeno (pulsar do coração)

P82

“visual é a partida... e o retorno do carretel “

Lacan – “O símbolo se manifesta primeiro como assassinato da coisa”

Baudelaire – a alma do brinquedo

P84

“...cólera supersticiosa contra os mundos dos objetos que imitam a humanidade”

Pierre Fédida – o luto põe o mundo em movimento

GDH – o lençol – a brincadeira da criação de um espaço

P87

“ quando se torna capaz de abrir a cisão do que nos olha no que vemos, a superfície visual vira um pano”

CUBO – resultado e processo (eficácia do objeto minimalista)

Está sempre caído – vocação estrutural

Tony Smith – arquiteto – trabalhou com Frank Lloyd Wright

P88

GDH faz uma genealogia da complexidade do objeto cubo utilizado por Malevitch, Mondrian, El Lissitzky

GDH cita a noite de Marleu-Ponty (fenomenologia da percepção P99

P106

Tony Smith “se pensarmos o espaço como sólido minhas esculturas são elas próprias como que vazios praticados neste espaço”

P112

Conceito de **PROTENSÃO**

Tony Smith “ eu não pensava nelas como esculturas mas em algo como presenças”

Caaba

Imagem dialética (Walter Benjamin)

P114

“relação do pretérito com o agora”

“somente as imagens dialéticas são imagens autênticas”

6. Antropomorfismo e dessemelhança

Figurabilidade

Oposição : latência X *what you see is what you see*

Similaridade : presença / estatura / túmulo

Experienciação da **escala**

P123

Sobre Tony Smith comentando a obra *Die*, 1962 (cubo com lado de 183 cm):

“não queria realizar nem um objeto, nem um monumento... GDH completa – mas algo como um lugar onde a estatura humana devesse constantemente se experimentar, nos olhar, nos inquietar”

P127

caixa → casa → porta → leito → ataúde

estratégia relacional

persona = volume

nonsite – Robert Smithson (1968)

splitings – Gordon matta-Clark

P139

a interioridade fragilizada

P141

Uso de materiais que conferem ausência: espelhos e plexiglass

“A arte minimalista fornecia-se assim os meios de escapar, por sua operação dialética ao dilema da crença e da tautologia”

Na arte minimalista a contradição teórica entre ‘resença e especificidade é respondida pelo *antropomorfismo*.

7. A dupla distância

AURA – trama singular de espaço e de tempo

P148

GDH cita Hans Robert Jaus e a obra *Tracia ed aura*

GDH investiga na AURA:

O poder da distância : oposição de uma coisa longínqua P147

O poder do olhar : atribuído ao próprio olhado pelo olhante P148

O poder da memória: Conjunto de imagens que surgidas da *memoire involuntaire* tendem a se agrupar em torno do objeto P149

AURA → SINTOMA – Ultrapassa o domínio da arte

O valor de culto dá à aura

O poder da experiência

Aura cultual → ilusão → crença – opostas ao modernismo militante

Instância dialética da aura

P155

CULTO → *cultus* do latim *colere* → ato de habitar/ morada/ obra de arte

GDH procura secularizar a noção de aura entendendo o :

Valor cultural → como *gênero*

Culto → como *espécie* histórica e antropológicamente determinada

P159

“A **religião** construiu evidentemente o paradigma histórico e a forma antropológica exemplar da aura”

“...a modernidade tenha precisamente nos permitido romper o vínculo (a relação fechada) da **aura** e da **religião** “

A dupla distância

Forma espaço temporal do sentir

Forma espaço temporal do movimento vivo

Espaço em Merleau-Ponty (fenomenologia da percepção)

“É preciso compreender que o espaço não tem três dimensões, nem mais nem menos, como um animal tem quatro ou duas patas, que as dimensões são antecipadas pelas diversas métricas sobre uma dimensionalidade, um ser polimorfo, que justifica todas sem ser completamente expresso por nenhuma”

P165

Conceito de voluminosidade

Procedimento de auratizar a geometria

8. A imagem crítica

Origem → sintoma

P171

“Reconhecer o movimento dialético em toda sua dimensão crítica”

P173

Avaliando a estrutura e suas ambiguidades

P174

“não há imagem dialética sem trabalho crítico da memória”

P182

A imagem dialética → formulação de uma possível superação do dilema da crença e da tautologia

...” pretérito que encontra o agora” (recepção que atualiza)

P183

A imagem dialética produz ela mesma uma leitura crítica de seu próprio presente.

P184

A crítica da imagem produz ainda uma imagem dialética

Qualificação da imagem crítica → **alegórica** → *pathos* – luto ou ironia

Teor de verdade → alegoria do despertar

P189

Função da imagem dialética: “manter uma ambiguidade que inquietará o chamado e exigirá da razão o esforço de uma auto-ultrapassagem, de uma auto-ironia”

P191

GDH justifica a retomada teórica → “ Como se o esforço para tornar legível o pretérito não fosse a única maneira dialética de inventar novas formas, novas artes de ler e olhar.” (inclui Fiedler)

P223

Carl Einstein → olha a arte africana não como simples documento para uma história social mas as formas enquanto tais.

FORMA NA ARTE AFRICANA ← OPOSTA À → FORMA EM BERNINI

P227

Apresentação ↔ apresentabilidade

UNHEIMLICH – Freud

Poder do olhado sobre o olhante

(o olhar, o lugar) – ambivalência temporalizada – à muito tempo familiar

Superstição da imagem aurática

7

10. O interminável limiar do olhar

Desorientação em FREUD

O homem em vista da mulher → retorno à casa → útero

Porta kafkiana

P246

Experiência com o espaço

Jogar com o fim – dar forma ao resto

Bibliografia utilizada

Benjamin, Walter. **A pequena história da fotografia** in Obras escolhidas Vol I (Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura) – trad. E org. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

Benjamin, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica** in Obras escolhidas Vol I (Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura) – trad. E org. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

Didi-Huberman, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo. Editora 34, 2010.

Fried, Michael. **Art and Objecthood**. University of Chicago Press, 1998.

Judd, Donald. **Objetos específicos**. In Escritos de artistas: anos 60/70 – org. Glória Ferreira e Cecília Cotrim. Rio de Janeiro, Zahar, 2006

Tavares, Marcela Botelho. **Os tempos da imagem**: uma investigação sobre o estatuto temporal da imagem a partir da obra de Didi-Huberman Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estética e Filosofia da Arte da Universidade Federal de Ouro Preto, Orientadora: Profa. Dra. Cíntia Vieira da Silva. 2012